ETHOS NA PRÁTICA POLÍTICA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA EM CONTEXTOS LUSO-BRASILEIROS

ETHOS WITHIN THE POLITICAL PRACTICE: A COMPARATIVE ANALYSIS IN LUSO-BRAZILIAN CONTEXTS

Sara Pita[141]
Rosalice Pinto[142]

RESUMO: O objetivo deste artigo é, num primeiro momento, identificar os *ethè* construídos por chefes de governo portugueses e brasileiros, demonstrando o seu *caráter simbiótico* e, em seguida, estabelecer uma análise comparativa dos *ethè* políticos construídos. De forma a atingir o objetivo pretendido, são selecionados alguns discursos políticos de final de ano desses estadistas, nomeadamente os pronunciados em 2011 e 2012. A partir do levantamento de algumas marcas de responsabilidade enunciativa (Adam, 2008) e usando como suporte a tipologia sobre o *ethos* de Charaudeau (2013), identificar-se-ão as imagens mobilizadas pelos enunciadores nos discursos por eles produzidos, visando a estabelecer uma tipologia inicial dos *ethè* centrada em uma base linguística. Resultados preliminares permitem identificar dois *ethè* comuns (competente e agente) e indiciam que as categorias linguísticas selecionadas têm seu grau de relevância tanto para a caracterização dos *ethè,* quanto para o estabelecimento de uma análise contrastiva dos elementos linguísticos identificados.

Palavras-chave: *Ethos*; *ethos* simbiótico; discurso político; categorias linguísticas.

ABSTRACT: The aim of this paper is to, first of all, identify the *ethè* built by the Portuguese and Brazilian heads of government, so as to show their symbiotic character and, secondly, to establish a comparative analysis of the constructed political *ethè*.In:order to reach the aimed goal, some end-of-the-year political speeches are chosen, from 2011 and 2012. From some enunciative responsibility marks (Adam, 2008) and using as a support the typology for the *ethos* pointed out by Charaudeau (2013), we shall identify the images which were constructed by the enunciators of the political speeches. By doing this, we will seek to establish an initial *ethè* typology focused on a linguistic

141 Sara Pita: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas — Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal, Doutoranda em Linguística, saratopete@ua.pt

142 Rosalice Pinto: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas — Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal, Prof. Doutora em Linguística - Investigadora do CLUNL e do CEDIS, rpinto@fcsh.unl.pt

basis. Preliminary results show the existence of two common *ethè* (competent and agent) and show that the selected linguistic categories are important both for the specification of the *ethè* and for a contrastive analysis of the identified linguistic elements.

Keywords: *Ethos*; symbiotic *ethos*; political discourse; linguistic categories

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A noção de *ethos* (imagens do enunciador), integrando uma tríade discursiva, constituída ainda pelo *pathos* (a exploração das emoções do auditório) e o *logos* (a apresentação da prova da verdade dos seus argumentos), remonta à antiguidade clássica, particularmente aos estudos retóricos de Aristóteles (2005). Nos estudos contemporâneos, são vários os teóricos que retomaram a questão. Barthes (1970) define o *ethos* como os traços de caráter que o orador deve mostrar ao destinatário, através do discurso,[143] para causar boa impressão e para o convencer. Maingueneau (2006) postula que o orador deve reproduzir o *ethos* típico do auditório para promover a adesão deste e Amossy (2005) acrescenta que necessita de recorrer também ao seu estilo e saberes para transmitir uma sensação de realidade ao *ethos*. Charaudeau (2013) entende que a construção do *ethos* depende das representações sociais, morais e ideológicas do destinatário. Kerbrat-Orecchioni (1998) considera que em qualquer processo comunicativo os "interactantes" influenciam-se reciprocamente e que o sucesso do discurso depende do respeito pelos comportamentos e pelas crenças partilhadas pelo *ethos* coletivo.

Face a este contexto, esta contribuição, que corresponde a um recorte da tese de doutoramento em curso, tem como objetivo identificar alguns *ethè* políticos construídos em discursos de final de ano de chefes de governo do Brasil e de Portugal, em 2011 e 2012, a partir do levantamento de algumas estratégias linguísticas por eles utilizadas. Neste sentido, identificar-se-ão as imagens mobilizadas pelo enunciador nos discursos, usando como suporte teórico a tipologia pragmático-discursiva de Charaudeau (2013). De seguida, analisar-se-ão linguisticamente os *ethè*, em particular os de *competente* e de *agente*, focalizando no estudo de algumas marcas de responsabilidade enunciativa (Adam, 2008) e de algumas formas de tratamento em Português europeu e alguns tempos verbais utilizados – (DUARTE, 2010; CARREIRA, 2001). Em função dos resultados obtidos, algumas pistas podem ser evidenciadas sobre a materialidade linguística dos *ethè* e sobre os elementos linguísticos comuns/distintos nos textos produzidos nos dois contextos lusófonos.

AS DIFERENTES ABORDAGENS AO CONCEITO DE *ETHOS*

Vale salientar que o ethos sempre foi considerado um elemento fundamental para o sucesso de um discurso, pois diz respeito aos traços de caráter que o orador

143 O termo de discurso corresponde neste artigo a determinada atividade prática (política, jurídica, jornalística, por exemplo), empiricamente e linguisticamente expressa por textos. A semiotização destes será influenciada pelas práticas sociais e históricas em que estiverem inseridos.

demonstra, por meio do discurso, ao seu destinatário para causar boa impressão e para o convencer (BARTHES, 2009). Este mesmo autor (corroborando o pensamento aristotélico) defendia que o ethos não tinha de corresponder forçosamente ao caráter autêntico do orador, pois o que importava era a imagem transmitida pelo discurso e não o seu comportamento na interação real. Não obstante, a forma como a mensagem de um sujeito é percebida e recebida por outro depende, em certa medida, dos traços do orador e dos papéis que este desempenha, de acordo com a opinião de alguns retóricos, de entre eles Perelman (1977).

Nos estudos estritamente linguísticos ou textuais-discursivos, foram vários os autores que recuperaram a noção. Ducrot incorporou, na sua Teoria Polifónica da Enunciação, o termo, associando-o ao Locutor (L). Para este autor, o enunciado apresenta vários sujeitos, aos quais atribui a autoria da enunciação: o "locutor enquanto tal" (L), responsável pela enunciação, e o "locutor enquanto ser do mundo" ( ), pessoa real que deu origem ao enunciado. De modo a evidenciar a diferença entre estas duas entidades, Ducrot apresentou vários argumentos. Em primeiro lugar, referiu que L exprime os seus sentimentos, situados na própria enunciação, ao passo que apresenta os seus sentimentos reais, logo externos à enunciação. Em segundo lugar, recorreu ao conceito de ethos, o qual liga a L, entidade discursiva à qual atribui certas características que podem tornar a sua enunciação credível ou desagradável.

> Dans ma terminologie, je dirai que l»éthos est attaché à L, le locuteur en tant que tel: c»est en tant qu»il est source de l»énonciation qu»il se voit affublé de certains caractères qui, para contrecoup, rendent cette énonciation acceptable ou rebutante (DUCROT, 1984, p. 201).

Assim sendo, para Ducrot, o *ethos* é tudo o que se relaciona com o Locutor, o ser falante que produz a enunciação, nomeadamente a escolha dos argumentos, das palavras e da colocação da voz. A forma como se apresenta ao mundo através da enunciação tornam o seu caráter aceitável ou desagradável aos olhos do destinatário.

Mas, para além destes traços individuais, o orador deve também mostrar pelo seu discurso "*o ethos característico do auditório, para dar-lhe a impressão de que é um dos seus que se dirige a ele*" (Maingueneau, 2006, p. 55). Ou ainda, segundo Charaudeau, a construção do ethos implica a consideração de representações sociais, morais e ideológicas do auditório, os seus referentes ideais ou os "imaginários sociodiscursivos".

> Toda construção do *ethos* se faz em uma relação triangular entre si, o outro e um terceiro ausente, portador de uma imagem ideal de referência: o si procura endossar essa imagem ideal; o outro se deixa levar por um comportamento de adesão à pessoa que a ele se dirige por intermédio dessa mesma imagem ideal de referência. (CHARAUDEAU, 2013, p. 137)

O *ethos* foi, igualmente, abordado numa perspetiva interacionista, nomeadamente por Plantin e Kerbrat-Orecchioni. Para estes autores, o *ethos* não é uma estratégia persuasiva usada para convencer o auditório das qualidades do orador, como na visão aristotélica, é sim uma apresentação de si, reveladora dos matizes da sua personalidade (KERBRAT-ORECCHIONI, 2002, p. 184). Por este motivo, são recuperados os conceitos

de imagem de si e de face[144] de Goffman (1974), que inserem o *ethos* na problemática da "construção interativa das identidades" (KERBRAT-ORECCHIONI, 2002, p. 188).

Embora Bronckart não utilize a noção de *ethos*, considera-se que as suas posições sobre os tipos de discurso e sobre o envolvimento enunciativo constituem aportes importantes para a análise a realizar durante este trabalho de investigação.

A partir deste enquadramento teórico, as investigadoras consideram que o *ethos* corresponde às imagens que o Locutor constrói durante as suas intervenções por meio da materialidade linguística que mobiliza, imagens essas que podem ser representativas da sua personalidade, das expectativas que entende que o auditório tem e das qualidades que este considera mais importantes. Deste modo, o *ethos* é simbiótico, porque se refere ao processo de coconstrução de imagens de si, no e pelo discurso. Por outras palavras, o Locutor constrói uma imagem não só mediante a sua personalidade, as suas crenças, os seus valores e objetivos (representações individuais), mas também em função do seu auditório, no qual se integra como cidadão, e do seu imaginário (representações coletivas), daí que se considera que o *ethos* será uma simbiose entre o individual e o coletivo. Uma vez construída a imagem, o Locutor solicita a atribuição de um sentido ao auditório e, dependendo da reação deste, poderá haver necessidade de uma reformulação. A figura 1, apresentada em seguida, pretende ilustrar o processo de construção do *ethos simbiótico*.

Figura 1 – Ethos simbiótico



Fonte: As autoras

144 Goffman (1974) define este termo como o valor social positivo que um indivíduo reclama para si durante uma troca comunicativa. Sendo assim, a face corresponde à imagem de si construída em função de valores aprovados por uma dada sociedade.

ASPETOS METODOLÓGICOS

Corpus de análise

Quanto ao *corpus*, a decisão de centrar o estudo neste grupo de textos[145] deveu-se à necessidade de uniformização. Para além da prática política ser bastante prolífera ao nível comunicacional, também as diferenças referentes aos sistemas políticos de Portugal e do Brasil (república democrática semipresidencialista e república federal presidencialista, respetivamente) dificultaram a seleção dos textos. A solução encontrada para garantir a equidade passou pela recolha de textos produzidos no final do ano civil pelos Chefes de Governo de ambos os países, o que em Portugal corresponde ao Primeiro-Ministro e no Brasil, ao Presidente da República. Devido ao período temporal definido para este estudo, observaram-se mudanças em relação aos representantes políticos, pelo que do *corpus* constam texto pronunciados por José Sócrates e Pedro Passos Coelho, no contexto português, e Lula da Silva e Dilma Rousseff, no contexto brasileiro.

Os textos selecionados têm como objetivo apresentar um relatório sobre a performance passada e futura do governo e, por terem como destinatário todos os cidadãos da nação, são transmitidos em direto pelos meios de comunicação televisivos e divulgados na íntegra ou de forma parcial pela imprensa escrita *a posteriori*. Estes textos são também disponibilizados, em versão integral, nos sítios oficiais dos respetivos governo, locais de onde se retiraram os exemplares usados durante esta investigação.[146]

MODELO GERAL DE ANÁLISE LINGUÍSTICO-TEXTUAL

A análise conduzida neste artigo é de cariz misto, embora a observação qualitativa seja a mais relevante. No entanto, considera-se que a contabilização de alguns dados importantes para a construção dos *ethè*, nomeadamente a frequência vocabular ou a distribuição dos índices de pessoas e dos tempos verbais, pode ser relevante para a formulação de generalizações. Os dados de ordem quantitativa foram obtidos com o apoio do *software Concordance* e trabalhados no Excel pela investigadora.

Para a análise qualitativa foram definidos diversos elementos linguístico-textuais que seriam sujeitos a observação, importados de diversos autores, de entre os quais os índices de pessoa (formas pronominais pessoais e possessivas, bem como morfemas de pessoa usados nas formas verbais), os tempos verbais, os indicadores espaciais e temporais, os organizadores de discurso, os conetores e marcadores, os atos de discurso, as modalidades (BRONCKART, 1996; ADAM, 2008), as escolhas lexicais (Kerbrat-Orecchioni, 2002), as formas de tratamento (CARREIRA, 2001) e os esquemas argumentativos (WALTON et al., 2008). Em algumas situações verificou-se inclusivamente que alguns autores faziam referência às mesmas categorias de análise, o que veio

145 Faz-se a ressalva que para este trabalho as "mensagens de final de ano" ainda constituem um agrupamento de textos, não se tratando de um gênero textual atestado. No entanto, na tese de doutoramento em andamento, estarão sendo apresentadas as razões que podem vir a caracterizar a *mensagem de final de ano* como um gênero textual. Importa ainda salientar que se adotou a nomenclatura "género de texto" ou "género textual" por se considerar que esta expressão indica com mais clareza a relação entre prática discursiva, situação comunicativa e texto, estando este permeável às mudanças culturais, sociais e históricas observáveis nas atividades da vida humana.

146 Disponíveis em: <http://www.portugal.gov.pt/> ; <http://www2.planalto.gov.br>.

corroborar a importância de considerar estes elementos no momento da observação.

Um elemento de análise relevante inclusive para as análises apresentadas neste artigo diz respeito às formas de tratamento e a alguns vocábulos específicos por determinarem o tipo de relação vivida entre os intervenientes de uma interação — (KERBRAT-ORECCHIONI, 2002). Em língua portuguesa, em especial na variante europeia, há uma distinção clara entre o "tu" e "você", denotando o primeiro uma relação de intimidade e o segundo uma relação de distância. O pronome "você", em Portugal, é inclusivamente visto como a forma polida, delicada e respeitosa de se dirigir ao outro, marcando as fronteiras do território individual. Já no Brasil, o "você" é o pronome mais utilizado nas interações familiares quotidianas sendo privilegiado em relação ao "tu". De entre as formas de tratamento, a autora inclui as seguintes unidades linguísticas: antropónimos ou nomes pessoais, termos de parentesco, apelativos (como por exemplo "Senhor(a)"), termos que definem a natureza da relação entre locutor e alocutário, termos afetuosos ou injuriosos.

Este artigo, que corresponde a um recorte da tese de doutoramento em curso, por limitações espaciais, restringir-se-á a pontuar dois *ethè* comuns e distintos presentes nos discursos políticos luso-brasileiros, a partir da materialidade linguística dos mesmos.

RESULTADOS DA ANÁLISE LINGUÍSTICO-TEXTUAL DE EXCERTOS DAS *MENSAGENS DE FINAL DE ANO*

A análise de alguns excertos dos textos permitiu observar a existência de dois *ethè* comuns: *competente* e *agente em potência*, mas com algumas diferenças atestadas ao nível da materialidade linguística. O primeiro diz respeito à demonstração da competência do executivo e o segundo à exposição de projetos a implementar no futuro. De ressalvar que neste último tipo de *ethos* não existe qualquer vínculo formal entre a promessa e a sua execução, razão pela qual se optou por usar a expressão "em potência" para salientar o caráter intencional desta figura.

O *ethos competente* foi construído, na maioria dos textos, com recurso às mesmas marcas linguísticas, mas detetaram-se algumas diferenças que podem influenciar a forma como a imagem é percebida pelo público.

Relativamente às semelhanças, identificou-se o uso do sujeito subentendido *nós institucional* ou do sujeito expresso *o governo*, implicando a 1.ª pessoa do plural ou a 3.ª pessoa do singular das formas verbais, respetivamente; o recurso aos Pretéritos Perfeitos Simples e Composto do Indicativo de verbos de ação; e a indicação das medidas implementadas, normalmente como complemento direto do verbo.

> PT2013: **Entrámos** em mercados em que Portugal nunca tinha entrado antes e temos hoje excedentes comerciais e financeiros sobre o exterior, algo que Portugal não conhecia há muitas décadas. **Começámos** a vergar a dívida externa e pública que tanto tem assombrado a nossa vida coletiva.

> BR2013: **Continuamos** nossa luta incansável pela construção de um grande futuro para o Brasil, viabilizando a exploração do pré-sal e garantindo a destinação de seus fabulosos recursos para a educação e a saúde.

Em relação às diferenças, observa-se, por exemplo, o uso frequente da perífrase com valor em curso ("estar + gerúndio") nas mensagens brasileiras, por oposição à ocorrência residual observada nas mensagens portuguesas, o que pode levantar a dúvida sobre a inoperância do governo dado que apresenta menos resultados. Outra diferença diz respeito ao uso de indicadores temporais nos textos brasileiros, expondo claramente o período em que determinada ação ocorreu.

Após o confronto entre as duas variantes da língua verificou-se que a materialidade linguística do *ethos agente em potência* é semelhante, embora nos textos portugueses se encontrem várias orações finais para explicitar o propósito de algumas medidas. Portanto, ao nível da materialidade linguística mobilizada para a construção do *ethos* agente em potência foram identificados os seguintes elementos: sujeito subentendido *nós institucional* ou sujeito expresso *o governo*; 1.ª pessoa do plural ou 3.ª pessoa do singular das formas verbais; presente e futuro imperfeito do Indicativo; perífrase de futuro, volitiva e de necessidade; verbos de ação; indicadores temporais.

> PT2013: **Precisaremos** de todos os instrumentos que mobilizámos **para concluir sem perturbações o Programa.** E precisaremos de os usar bem, com inteligência e determinação.

Na PT2012 surgem alguns *ethè* específicos, em particular o de *comandante* e o de *patriota*. No primeiro caso, o Locutor assume uma posição individual, marcada pela 1.ª pessoa do singular dos pronomes e/ou das formas verbais, ou uma posição coletiva, em representação dos cidadãos, marcada pela 1.ª pessoa do plural. Estes momentos são utilizados pelo Locutor para motivar e conduzir o auditório, utilizando para tal expressões de cariz militar (assinaladas a negrito no excerto), ou para fazer referência aos militares que estariam sob a sua "alçada" (convém referir que o Primeiro Ministro não detém a função de Comandante Supremo das Forças Armadas).

> PT2012: Ainda não podemos **declarar vitória sobre** a crise, mas estamos hoje muito mais perto de o conseguir. E uma condição essencial para **sermos vitoriosos** sobre a dívida e sobre o desemprego é acreditarmos em nós próprios.

A imagem de *comandante* foi referida por Charaudeau, mas não deve ser aqui entendida no mesmo sentido de que fala este autor. No entender das investigadoras, refere-se ao dirigente ou líder de uma força militar, e não ao senhor da guerra, agressivo e autoritário postulado por Charaudeau (2013, p. 159). Normalmente, associa-se uma certa rigidez às funções militares, em virtude de seguirem um código de conduta rígido. Assim, embora o Locutor pretenda demonstrar competências de liderança, trata-se de um *ethos* diferente do de líder, pois aqui não se admitem fugas ao padrão.

O *ethos* patriota, no qual se expressava o sentido de união do país, foi construído com recurso à 1.ª pessoa do singular ou do plural, neste caso em representação do executivo governativo. Os verbos encontravam-se sempre no Presente do Indicativo, pois o Locutor pretendia demonstrar a sua conjugação com o momento da enunciação, revelando assim que se tratava de um sentimento atual. Para mostrar o patriotismo, foram selecionados vocábulos específicos, nomeadamente "povo", "concidadãos", "emigrantes", "comunidades portuguesas" ou "todos os portugueses". A menção a todos os portugueses, e não apenas aos que se encontram em território nacional, promove a integração de todos os cidadãos, transmitindo uma ideia de pertença a uma Pátria.

> PT2012: Como sempre acontece, esta quadra natalícia será um momento especial para recordarmos aqueles que estão mais longe, ou aqueles que se afastaram de nós no último ano. Devemos lembrar as **comunidades portuguesas e todos os emigrantes** no estrangeiro, ou os nossos militares em missões noutras regiões do planeta.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Resultados preliminares apontam que o *ethos* simbiótico é uma característica do *ethos* construído nestes discursos em que o ator político deve construir a sua imagem discursivamente, em função do momento em que o discurso é proferido (final de ano), expectativas do público a quem se dirige, contextos espaciais e culturais diversos. Enfim, esta simbiose que abrange imagens *de líder*, *de competência*, *de comando, de patriotismo* é construída em função de características linguísticas diversas, estabelecendo-se divergências e convergências entre os dois contextos lusófonos. Dois tipos de *ethè* são específicos do contexto português: o de *comando* e o de *patriotismo*. Tais especificidades podem talvez ser explicadas por questões culturais, histórico-sociais de Portugal. É neste sentido que a abordagem de uma linguística de gêneros, como salienta Rastier (2001, p. 231), pode vir a ser relevante para o estudo desse *ethos* simbiótico. Parte-se assim do princípio que o texto, forçosamente inserido em um gênero, só poderá ser analisado em função de questões contextuais diversas que lhe são "intrinsecamente constitutivas".

Evidentemente, com este artigo, algumas pistas foram apontadas, mas seria conveniente proceder a outras análises para aprofundar este tema.

REFERÊNCIAS

ADAM, J.-M. **A linguística textual:** introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

ARENDT, H. **The promise of politics**. Berlim: Schocken Books, 2007.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

BARTHES, R. L"ancienne rhétorique. **Communications** 16, pp. 171-223, 1970.

Bronckart, J.-P. **Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif**. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1996.

CARREIRA, M. H. **Semântica e Discurso, estudos de Linguística Portuguesa e Comparativa (Português/Francês)**. Porto: Porto , 2001.

CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2013.

DUARTE, I. Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna.In: A. BRITO. **Gramática:** história, teorias, aplicações. Porto: Fundação Universidade do Porto – Faculdade de Letras, 2010. Disponível em: ‹http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8312.pdf›. Acesso em: 15 maio 2014.

DUCROT, O. **Le dire et le dit**. Paris: Minuit, 1984.

GOFFMAN, E. **Les rites d"interaction**. Paris: Minuit, 1974.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Système linguistique et ethos communicatif. **Cahiers de Praxématique** 38, pp. 35-57, 2002. Disponível em: ‹https://praxematique.revues.org/540›. Acesso em: 10 dez. 2014.

MAINGUENEAU, D. **Cenas de Enunciação**. Curitiba: Criar, 2006.

PERELMAN, C. **O império retórico:** retórica e argumentação. Porto: Edições ASA, 1993.

RASTIER, F. **Arts et Sciences du Texte**. Paris: PUF, 2001.

WALTON, D., REED, C., MACAGNO, F. **Argumentation Schemes**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.